

O LUGAR DA UTOPIA

António Lúcio Baptista



VidaEconómica

Título

O Lugar da Utopia

Autor

António Lúcio Baptista

Editor

Vida Económica – Editorial, SA

Design e Paginação

Ricardo Silva

Impressão e Acabamento

DPS - Digital Printing Services, Lda

Depósito Legal

436498/18

ISBN

978-989-768-437-1

VidaEconómica

Morada

Vida Económica – Editorial, SA
Rua Gonçalo Cristovão 14
4000-236 Porto

Telefone

223 399 400

Fax

222 058 098

Email

geve@vidaeconomica.pt

Website Vida Económica

www.vidaeconomica.pt

Website Livraria Vida Económica

livraria.vidaeconomica.pt

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado, incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor. Qualquer transgressão à lei dos direitos de Autor será passível de procedimento judicial.

O LUGAR DA UTOPIA

António Lúcio Baptista

Em memória
dos meus
professores
e colegas



Trabalhei com muitos mestres do ensino médico e todos me marcaram, pelas mais diversas influências que foram deixando ao longo da minha vida.

Professor Álvaro Rodrigues, Professor Júlio Machado Vaz, Professor Fernandes da Fonseca, Doutor António Maria Tenreiro e muitos outros que, durante o período de fim de curso de Medicina e o período de internato, me indicaram linhas de amadurecimento.

Trabalhei com muitos mestres dentro e fora dos serviços públicos, no Hospital de S. João, no Porto, e na Faculdade de Medicina, participando no ensino da microbiologia e, mais tarde, em clínica cirúrgica e cirurgia cardiotorácica.

Todos os mestres influenciaram a minha vida positiva ou negativamente. Da relação próxima com todos estes professores e médicos recebi ensinamentos que ultrapassaram a mera aprendizagem técnica da medicina.

Médicos como o Professor António Silva Leal e o Professor Amaranje Júnior e vários colegas de diversas áreas e experiências no setor público e no setor privado, como a Casa de Saúde da Boavista, o Hospital de Barcelos, os Centros de Saúde, o Serviço Militar e muitos outros.

Álvaro Rodrigues foi professor catedrático, diretor da Faculdade de Medicina, Reitor da Universidade do Porto, membro da Academia das Ciências e um dos principais promotores do Instituto Português de Oncologia. Deixou uma obra extraordinária, conhecida em Portugal e no estrangeiro, e foi um exemplo para todos nós! A ele dedico estas pequenas notas de percurso de vida.

A estes mestres dedico este pequeno livro, um testemunho do bom ensino da profissão médica e, ao mesmo tempo, um grito contra a injustiça do sistema centralista e burocrático da nossa saúde e das nossas universidades. Um grito de um rebelde contra a falta de reconhecimento do verdadeiro mérito, contra a inversão dos valores, contra a injustiça. Uma injustiça que causa “frio na coluna”, como disse Fernando Pessoa ao descrever a angústia e a frustração. “Para o frio da alma não há agasalho”. E muitas vezes senti este frio.

Agradecimentos

Este pequeno “livro de atas” sobre o passado está virado para o futuro. De certo modo, fala do “país em que vivemos”, do “mundo à nossa procura” (Rúben A.) e do futuro das sociedades democráticas. Toca ainda o presente e a sua relação com o futuro.

Agradeço à minha família, pela compreensão do tempo que não lhes dediquei, mas de algum modo penso ter inculcado neles a ideia dos valores em que acredito, principalmente os de uma sociedade inclusiva onde cabem todos, independentemente da sua raça ou credo, do sexo ou género e das convicções políticas.

Agradeço aos meus amigos e colaboradores, que acreditam na fórmula mágica para a mudança: $(I+V) \times 2p > R$.

Agradeço muito aos que comigo colaboraram ou aprenderam. Não vou colocar nomes... todos eles sabem o que comigo partilharam.

Agradeço à minha editora Vida Económica o ter acarinhado a edição deste pequeno livro sem pretensões, para que o passado não se perca “num apagão informático qualquer”.

Agradeço à Teresa Themudo, à Anabela Peixoto e à Susana Sousa, pela ajuda, empenhamento e estímulo à escrita desta compilação de memórias.

Índice

- 11 Prefácio
- 14 Introdução
- 16 Eu e os meus robôs. Um exercício smart

- 24 O início da carreira e a minha passagem pela África do Sul
- 42 Um futurista
- 45 O “bichinho” da inovação
- 47 Analisar as empresas pela perspectiva da ciência
- 50 Normédica
- 52 Fair Cost Health Care Initiative
- 64 Dicas de saúde para os futuros governantes
- 67 Olhar as empresas pelo lado da ciência

- 70 Iberia Advanced Health Care
- 76 Empreendedorismo *versus* universidades
- 80 Projetos Iberia Advanced Health Care
- 83 Tratamento da dor durante a aplicação laser
- 84 Newalk
- 85 Programa Horizonte 2020
- 88 Linha Verde e Europass Empresas
- 89 Brasil, Portugal e Europa: parcerias para o futuro
- 91 O Vale da Morte do empreendedorismo português
- 94 Saúde: os joelhos do Ronaldo e os têxteis portugueses
- 96 Políticas comunitárias para a ciência e inovação — algumas observações
- 98 Saúde e reformas: o que falta resolver
- 101 Uma Linha Verde para a inovação aberta
- 103 Um Europass para desburocratizar a Europa da ciência

106	Conceito “Avalia-te a ti próprio”	03
109	Pistas Check-Up	
116	Os seis passos para melhorar a sua saúde	
121	Health & Golf	
123	Aposta no Surf	
125	Ciência: a rebelião está aí!	
127	Saúde: o paradigma dos autocuidados	
130	Surf e prevenção de riscos	
134	Laser – um bom exemplo de tecnologia disruptiva	04
136	Altec	
139	Altec na Europa	
141	Galas da Ciência	
142	Prémio de Mérito Laser	
143	Prémio Open Mind	
144	Cursos de Laser	
147	50 Anos de laser – uma tecnologia disruptiva	
149	Adoro festivais de verão!	
152	Este é o ano internacional da luz. Tecnologia laser	
156	Turismo de Saúde e Bem-Estar	05
159	Associação Portuguesa de Turismo de Saúde e Bem-Estar	
163	Programa Top Varizes	
166	Nanotecnologia, Saúde e Inovação – a 3ª onda	
169	Fibrenamics – o novo mundo dos materiais à base de fibras	
170	Livros publicados	
171	“Chamem o Sr. Ortega!”	
172	“Inovação para a mudança”	
173	Movimento Dish Mob	
175	Saúde pode criar milhares de postos de trabalho: se o turismo de saúde e bem-estar for uma realidade	
177	Turismo de Saúde e Bem-Estar: um caminho para a mudança	
180	Futuro e criatividade	06
188	Conclusão	

Prefácio

O lugar da utopia

Os Gregos antigos tinham uma expressão para designar a máscara de cartão ou de madeira que os atores usavam quando entravam em cena. *Prosopon*, era a palavra, que vem a dar na língua latina *persona* e na língua portuguesa os termos *pessoa* e *personalidade*. É também daqui que vem a palavra lusa *prosápia*, designando excrescências oratórias, sobras comunicacionais, tão vulgares no discurso político moderno. Os Gregos usavam este adereço quer a representação pertencesse ao campo da tragédia ou da comédia.

De resto, a tragédia helénica dissecava temas cuja leitura frequentemente exalava odores cômicos, enquanto a comédia, pelo contrário, mergulhava muitas vezes em fundos sinistros e trágicos. Porém, o significado semântico da expressão *prosopon* não se esgotava no sentido referido. Havia pelo menos mais dois. Significava também as características individuais do ator, ou seja, os traços psíquicos de natureza heredo-constitucional que o definiam, aquilo a que hoje se chama o temperamento; e, ainda, as qualidades do próprio ator no teatro da sua vida, ou seja, a forma como cada um desempenha o seu papel pessoal tendo em vista a relação com os outros, aquilo a que vulgarmente se chama o carácter. Percebemos então que as características constitucionais formam uma armadura próxima do moderno conceito de temperamento. E o desempenho de cada um no teatro da vida aproxima-se do moderno conceito de carácter.

A vida é dada, ao homem, por fazer. Cada um, à medida das suas potencialidades e das circunstâncias que o envolvem, circunstâncias essas enquadradas nos eixos do espaço, do tempo e da história, vai fazendo a sua própria vida, servindo-se do valor primeiro da existência: a liberdade. No mais íntimo do ato de viver emerge do fundo do Ser a experiência da liberdade. E é essa liber-

dade que, posta ao serviço da descoberta, pode ignizar o ato criativo nos campos da arte, da ciência ou do espírito. Toda a criação, seja de que natureza for, antes de o ser, foi nada. Numa palavra, pertenceu ao território da utopia. Na arte como na ciência, a utopia é sempre um desafio, um desafio decisivo no caminho da descoberta. A utopia de Platão ou de Morus mais não é do que uma espécie de jogo entre uma realidade amarga que se rejeita e um doce ideal que se persegue e deseja. É esta polaridade inquietante que incendeia a brasa da criação.

Ora a criação, nascida no território da imaginação – imaginação criadora –, quando fertilizada pelos saís da motivação, da vontade e do trabalho, batida pelos raios escaldantes da inteligência, abre-se como uma flor em coisa nova. É isto a inovação. Todo o progresso se alimenta deste movimento. Sem inovação não há progresso, seja qual seja o campo em apreço: da medicina à sociologia, da indústria ao comércio, da pedagogia à educação e ao empreendedorismo.

É assim que se faz ciência, é de resto o que significa a palavra ciência.¹Na ciência, quando não aproveitada pela sociedade em geral e pelas empresas em particular, aproxima-se do absurdo, um absurdo muitas vezes com reflexos criminosos, pois matar um projeto válido nascido na maternidade da ciência pode significar matar pessoas, travando por exemplo o progresso médico.

A este propósito, escreve António Lúcio (página 78):

“Num país da União Europeia [referia-se a Portugal] em que mais de metade (53%) dos trabalhadores por conta de outrem têm no máximo o 9º ano de escolaridade, produzir ciência para as empresas é um enorme desafio, principalmente quando os que têm um papel dinamizador da economia também estão muito abaixo da média da União Europeia em termos de formação.”

¹ Modo de descobrir o caminho para o conhecimento. O radical indo europeu *Skei* encerrará, decerto, o mais remoto sentido da palavra. Deixava a ideia de cortar, dividir, Dá em grego antigo *Scire* — ideia de conhecer. Cortava-se ou dividia-se o que se pretendia esclarecer em pequenas coisas, de forma a percebê-las no seu conjunto. *Scire* vem dar em latim *Scientia*, já no sentido de conhecimento.

Leitor! A obra que tens no regaço é um farol incandescente que ilumina com línguas de fogo o tabuleiro onde se joga parte importante do teu destino coletivo.

Em linguagem acessível, coerente, fluida, carregada de afetos, alguns deles espessos, exprimindo mesmo uma densidade algo telúrica, António Lúcio Baptista oferece nesta obra uma bela reflexão sobre o papel da ciência no jogo da vida democrática na sociedade moderna. Partindo da sua própria história pessoal, da sua riquíssima experiência enquanto médico, encaminha o leitor pelas geografias que conhece, abre pistas de reflexão sobre perdas e ganhos no campo do aproveitamento da ciência pelas empresas e pelo próprio Estado; lamenta os tesouros que já se perderam e continuam a perder, defenestrados pelas mãos da ignorância ou da incompetência; enaltece o papel da inovação, da valorização do mérito, do trabalho, da racionalidade e da otimização de todos os recursos nacionais.

Num discurso sóbrio, pragmático, despretensioso, todavia robusto na argumentação, sólido na lógica reflexiva, desassombrado nas propostas, inquietante na denúncia, o autor ousa mexer fundo na consciência dos decisores, sejam eles políticos, empresários ou académicos, apontando caminhos, iluminando projetos, desafiando consciências, propondo soluções.

Fevereiro de 2018

Carlos Mota Cardoso

Professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Introdução

Como médico e cirurgião, todos os dias encontro novas questões. Algumas são questões novas!

Este pequeno livro não foi planejado. Surgiu da reequação da minha carreira profissional desde o fim de 2005, em que decidi, além de continuar a trabalhar intensamente em medicina e cirurgia, juntar uma nova valência à minha atividade – a inovação. Inovação em saúde, ciência, a combinação entre ambas e respetiva ligação ao mundo das empresas para criar produtos inovadores.

A área da saúde é exemplar nesse aspeto. Gera múltiplos conhecimentos que, uma vez anunciados, criam o ingrediente para lançar produtos importantes para a vida das pessoas e para os países, gerando riqueza para as empresas, postos de trabalho e produtos avançados. Alguns podem curar ou dar conforto, outros podem melhorar, outros ainda podem tornar o ambiente mais limpo e proteger a biodiversidade. Alguns podem mesmo fazer a diferença entre a vida e a morte.

Saúde e lazer estão ligados ao ambiente e todos os dias surgem contributos para integrar todas as valências ao serviço das pessoas. Por outro lado, o enquadramento social, que apela à responsabilidade de cada um na preservação da sua saúde, a que se junta a imposição de racionalizar os recursos gastos pelo país no sistema nacional de saúde, dá origem ao aparecimento de conceitos que visam propor novas formas de equilibrar as necessidades postas na balança.

O conceito “Avalia-te a ti próprio”, ao qual dedico um capítulo próprio neste meu livro, visa dar um contributo importante nesse sentido. Com efeito, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foca a atenção, no seu relatório de 2010, na necessidade de encarar a prevenção como um objetivo social.

Excesso de peso, consumo de álcool e tabaco, agravados pelo sedentarismo das sociedades modernas, estão na ordem do dia e

são factos que contribuem para o aumento do risco cardiovascular, alguns tipos de cancro e outras doenças.

Também na discussão da diminuição da despesa na saúde deve pensar-se na prevenção como um investimento.

Foi com estes objetivos em vista que decidimos, no âmbito da atividade da empresa de inovação Iberia Advanced Healthcare, da qual sou fundador e CEO, desenvolver o conceito “Avalia-te a ti próprio” e o projeto “Pistas Medicalizadas” (posteriormente chamado Pistas Check-up), de origem 100% nacional.

Nesta minha atividade empresarial e empreendedora, deparo-me, de cada vez que vou a uma reunião, com novas ideias, ou a alteração de conceitos já pensados, alguns implementados. Os projetos científicos são como as cerejas, uns trazem os outros!

Após mais de 40 anos de prática clínica, continuo a aprender todos os dias com as pessoas; todos os dias me enriqueço com a interação e a relação médico-doente. Mas também com os saudáveis e aqueles que assim querem continuar.

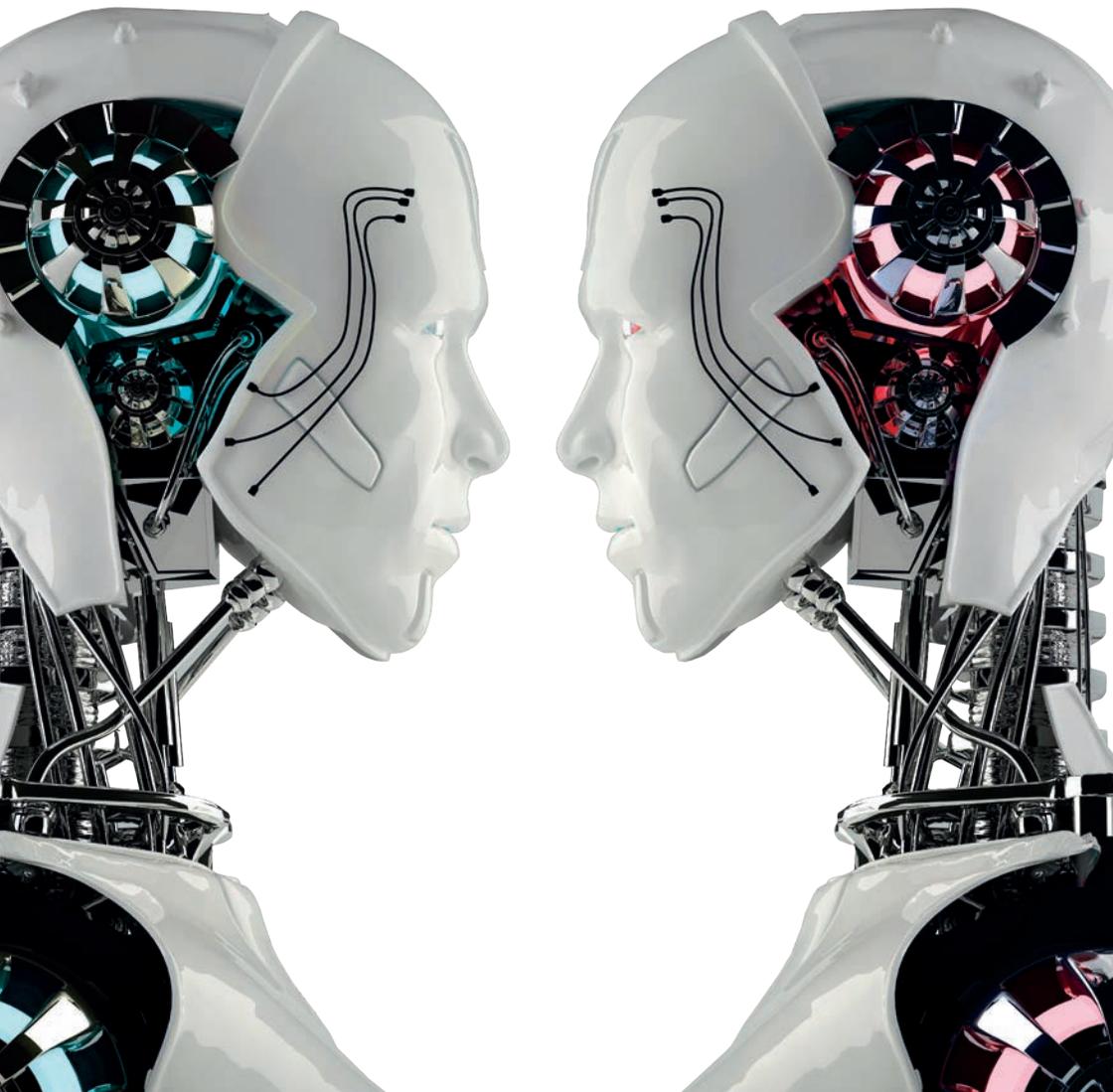
Aliás, considero que os médicos devem dar o exemplo – a imagem do médico que fumava no consultório pertence ao passado. O número de médicos saudáveis, que praticam exercício e que têm preocupações ambientais está a aumentar. E que bom exemplo para os saudáveis!

Também no ensino há mudanças grandes. Não mais se passa conhecimento, mas antes se partilha. Também falarei mais adiante da minha atividade com as universidades e politécnicos e até do contacto com o ensino secundário.

Defensor acérrimo de algumas ideias, deixo-vos nas próximas páginas com as minhas constatações e trabalho realizado em prol do empreendedorismo e da inovação.

Realizar projetos ganhadores contribui para a satisfação dos que neles estão envolvidos e para as vidas das pessoas a que se destinam. É esse prazer espiritual que quero que os leitores sintam, ao obter conhecimento e controlo da própria saúde e, assim, serem capazes de realizar as suas ambições, os seus projetos e viverem mais e melhor.

Eu e os
meus robôs.
Um exercício
smart



Quando recentemente decidi fundar a empresa Gravityspiral, criei no meu imaginário dois robôs (fictícios) para trabalhar com entusiasmo numa unidade de aceleração de projetos científicos. A criatividade, o contributo para a geração de uma sociedade criativa poderá ser apoiada por estes robôs.

O robô, definido entre outros como “um agente mecânico artificial, com uma componente tecnológica virtual, consiste numa máquina eletromecânica dirigida por um sistema computadorizado”.

Dentro dos diversos tipos de robôs, podemos considerar os semiautónomos e os autónomos que se aproximam cada vez mais de “humanoides”.

Aparentemente, a designação de robô foi pela primeira vez escrita pelo autor checo Karel Čapek e o primeiro robô autónomo terá sido desenvolvido por William Grey Walter, em Bristol, em 1948.

Quando penso em ter o auxílio de um robô, penso num robô especial, capaz de interiorizar o meu *alter ego*, uma espécie de personalidade secreta que alguns de nós têm. Este termo vem do latim *alter* (outro) e *ego* (eu), que significa o “outro eu”. Significa uma identidade oculta.

Sob o ponto de vista psicológico, o *alter ego* é uma segunda personalidade de alguém, um eu inconsciente, podendo tornar-se até num transtorno de identidade.

A dupla personalidade, considerada por muitos autores um Transtorno Dissociativo de Personalidade, é considerada um distúrbio mental, existindo na mesma pessoa duas formas distintas de agir ou interagir com o meio. As personalidades podem ser opostas ou interagirem.

Uma das definições de personalidade que mais aprecio é a do Professor Fernandes da Fonseca: “a personalidade representa a expressão anímica da individualidade ou a qualidade da pessoa”.

É vulgar confundir personalidade com temperamento, individualidade, pessoa, carácter, consciência ou o “Eu”. Ora, na realidade, o que se entende da literatura é que a personalidade é uma “mistura” destes conceitos, traduzindo um equilíbrio funcional entre os impulsos e o comportamento do indivíduo (Fernandes da Fonseca).

Desde Kretschmer a Jung, de Cattell a Pavlov, muitas teorias sobre os “tipos constitucionais” foram apresentadas.

Segundo Jung, um dissidente da Escola de Freud, todos os indivíduos se mostram orientados ou para o interior (introverso) ou para o exterior (extroverso). Os primeiros são mais voltados ao pensamento e ao sentimento, enquanto os segundos são mais voltados para as atividades sociais e convívio com grupos.

Assim, no meu imaginário tive que criar não um, mas dois robôs, que refletem exatamente personalidades diferentes. O Senso é introverso, cerebral e racional e o Bolt extroverso.

Estes são os traços principais dos meus robôs que me ajudarão neste ensaio e análise de inúmeros aspectos do comportamento, da vida, da sociedade e das empresas.

Num exercício psicológico e de pura diversão, eu identifico-me muitas vezes com o robô Senso e outras com o robô Bolt. Estes robôs poderão ainda lidar com outros robôs amigos e de comportamento variável, alguém representando a visão feminina das situações.

Perguntei ao robô Senso como gostaria que lhe chamasse, ao que ele me respondeu imediatamente: “Senso! Está bem!”. O robô Bolt, pela sua personalidade, disse que tanto se lhe dava, podia ser “conde”, “boss” ou qualquer outra coisa, pelo que ficou apelidado de Bolt.

O robô Senso é, portanto, do tipo refletivo-sensitivo e o Bolt mais instintivo-sentimental.

Com estes dois “amigos” espero iniciar esta caminhada que vai entrar na área científica, sempre criticada por estas duas entidades, na área profissional, na área formativa e no empreendedorismo e principalmente na criatividade.

A crítica social e a intervenção cívica estarão também sempre presentes.

Segundo alguns autores, estas personalidades estão cada vez mais comprovadas cientificamente e aceites por estarem, por assim dizer, de acordo com os modelos estatísticos ou psicoestatísticos.

Estes robôs, no entanto, escapam a esta dualidade, fogem das teorias do condicionamento, como os reflexos de Pavlov, dado que são “humanoides”.

Por não serem seres humanos, dizem coisas que, se fossem proferidas por humanos, seriam irritantes ou até ofensivas. São verdadeiros, são uma espécie de tecnocrata, ou melhor, são máquinas com alguma inteligência. Às vezes, as suas interpretações deixam-nos desarmados. Podem ser moralistas ou seguir uma linha desafiadora, seja na política, seja na economia.

Podem ser “uns tipos porreiros” ou umas verdadeiras “bestinhas” a quem se dá o devido desconto. O Bolt, por exemplo, gostaria de viver numa herdade ou numa casa senhorial e ser recebido à chegada com todas as mordomias. É apenas uma ideia, pois não tem dinheiro, apenas “robotcoins”.

Seguimos aqui mais a tese dos fenomenologistas que referem que a personalidade se desenvolve a partir de uma estratégia instintiva, uma coisa imediata e não influenciável por “estímulo-resposta”.

De qualquer modo, sempre que estas personalidades robóticas se desviarem daquilo que são os padrões normais, serão por nós analisadas e, por vezes, poderão subir ao patamar de psicopatias robóticas. Personalidade paranoide, ciclotímica, esquizoide ou com tendência à delinquência, por exemplo.

Sinceramente, espero não ter de lidar com estas situações, especialmente quando se trata de elementos eletromecânicos, como o são o Senso e o Bolt. Antes pretendo um bom ambiente que não crie sintomas neuróticos, nem traços de caráter vincados.

Tentar de qualquer modo influenciar estes robôs é difícil e contraproducente. O hábito, por exemplo, diz respeito a reações adquiridas e que se tornam rotineiras. Seria dramático programar estes robôs neste sentido. Seria como tirar-lhes a liberdade de pensar (se eles pensassem), pois não são mais do que máquinas ou, quando muito, humanoides.

Estes robôs serão livres e ambos têm valores fundamentais. Um dos quais é a liberdade e morreriam sem ela. Eles nasceram na liberdade e ambos estão adaptados.

Aristóteles dizia que o “mundo exterior para os humanos é uma realidade sentida, uma realidade percetorial”. Para estes robôs, a realidade é diferente, não sabem mesmo se “a realidade é real”.

Paul Watzlawick diz que “a ilusão mais perigosa de todas é a de que existe apenas uma realidade”. Aquilo que de facto existe são perspectivas diferentes da realidade, de certo modo, contraditórias, por vezes.

Paul Watzlawick acentua a diversidade de entender a “confusão”, a “desinformação” e a “comunicação”. Esta última é uma forma de realidade que se pretende porque ainda não existe partilhável de forma útil entre seres humanos e outros seres, extraterrestres ou animais e os meus robôs Senso e Bolt, por exemplo!

Estes dois amigos, companheiros e colaboradores, vão partir e acompanhar-me numa pesquisa e num trabalho constante. Vão, a partir de agora, integrar a minha vida e a de muitos dos meus amigos, quer na experiência e literatura, quer nas redes sociais.

Primeiro
Capítulo

01

“O médico que só sabe
de medicina nem
de medicina sabe”

Prof. Abel Salazar
(médico, professor, investigador e artista plástico)



Tal como na vida pessoal, também o nosso trajeto profissional passa por diferentes fases e ciclos de vida. Seja a fase em que nos formamos, seja a fase do entusiasmo com que agarramos a nossa profissão.

No caso dos médicos, em particular na área médico-cirúrgica, a envolvimento é de tal ordem que os anos passam e continuamos absorvidos sem levantar a cabeça.

O facto de, por vezes, estarmos tão focados na nossa profissão deixa-nos sem liberdade intelectual para explorarmos outras áreas. E quando acabamos por ter essa liberdade, geralmente é já numa fase tardia das nossas vidas.

Coincidências ou acasos da vida, certo é que contrariei esta tendência e, por isso, gostaria de deixar com este pequeno livro o meu testemunho e a experiência de vida de um médico que foi explorando outras áreas complementares à medicina.

422 1044
486 1739
442 8116 SR 033
728 2664 DR. DIANA DULLISEAR 726 6629
LRB 495 DR. L. GELMAN 783918
2438
8B 340
525 Q 3566
43 4027

O início da carreira e a minha passagem pela África do Sul



“Encravado” pela PIDE

Após terminar o curso de Medicina na Faculdade de Medicina no Porto, no Hospital de S. João, na altura hospital escolar, lecionei a convite do Professor Júlio Machado Vaz. Foi uma experiência algo assustadora. Eu era ainda aluno quando ele me convidou, ficava nervoso antes das aulas, o meu coração batia rapidamente. Além disso, tinha um problema de daltonismo moderado, o que me impedia de ver as cores ao microscópio com a mesma realidade dos alunos, que, no entanto, nunca descobriram esta anomalia.

A seguir passei para a clínica cirúrgica, onde lecionava patologia vascular. Foi outro desafio, a convite dos Professores Amarante Júnior e Silva Leal.

Dediquei-me com todo o empenho. Começar de novo é sempre um desafio e começar algo de novo nessa altura era um desafio incrível.

Vivíamos ainda no antigo regime quando o Professor Júlio Vaz me convidou e o facto é que o meu caso nunca mais era “despachado” pelos serviços centrais.

Pedi ao pai de um amigo, pessoa influente, para me tentar ajudar, pois alguém me disse que podia estar “encravado”.

Foi então que, com grande surpresa, vim a saber que estava retido na PIDE-DGS, a polícia política! Aparentemente, eu teria contado anedotas pouco elogiosas sobre Salazar, o que levou à denúncia por um aluno da mesma casa universitária. Era um “bufo”, como se denominava na altura.

Esse rapaz, um pobre desgraçado, dava informações por dinheiro, e tinha que mostrar trabalho. Por uma anomalia que tinha no lábio ficou logo denominado “chefe lábio cortado”.

Lá consegui ultrapassar essa situação, mas foi sempre um episódio de que me não esqueço. O regime era assim!

Em 1976 fui então chamado para o serviço militar obrigatório, integrado num pelotão de medicina. Nessa altura tinha já terminado a Guerra do Ultramar. Fui integrado num pelotão de médicos para a Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, para fazer a recruta, e lá fiquei como Médico da Unidade até 1978.

Foi uma experiência positiva e negativa, mas procurei tirar partido dos ensinamentos.

Foi em 1978 que entrei para a especialidade de Cirurgia Cardio-torácica no Hospital de S. João. Foi outro desafio importante, não só porque era a especialidade mais difícil e prolongada, como era de uma exigência ímpar naquele tempo.

Leitor! A obra que tens no regaço é um farol incandescente que ilumina com línguas de fogo o tabuleiro onde se joga parte importante do teu destino coletivo.

Em linguagem acessível, coerente, fluida, carregada de afetos, alguns deles espessos, exprimindo mesmo uma densidade algo telúrica, António Lúcio Baptista oferece nesta obra uma bela reflexão sobre o papel da ciência no jogo da vida democrática na sociedade moderna. Partindo da sua própria história pessoal, da sua riquíssima experiência enquanto médico, encaminha o leitor pelas geografias que conhece, abre pistas de reflexão sobre perdas e ganhos no campo do aproveitamento da ciência pelas empresas e pelo próprio Estado; lamenta os tesouros que já se perderam e continuam a perder, defenestrados pelas mãos da ignorância ou da incompetência; enaltece o papel da inovação, da valorização do mérito, do trabalho, da racionalidade e da otimização de todos os recursos nacionais.

Num discurso sóbrio, pragmático, despretensioso, todavia robusto na argumentação, sólido na lógica reflexiva, desassombrado nas propostas, inquietante na denúncia, o autor ousa mexer fundo na consciência dos decisores, sejam eles políticos, empresários ou académicos, apontando caminhos, iluminando projetos, desafiando consciências, propondo soluções.

Carlos Mota Cardoso

Professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto



www.vidaeconomica.pt

ISBN: 978-989-768-437-1



9 789897 684371 >